



INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION
ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL CAFÉ
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ
ORGANISATION INTERNATIONALE DU CAFÉ

ICC 105-11

14 setembro 2010
Original: inglês

P

Conselho Internacional do Café
105^a sessão
21 – 24 setembro 2010
Londres, Inglaterra

Financiamento experimental de curto e médio prazo para pequenos cafeicultores no Quênia

Sumário executivo do relatório final

Antecedentes

1. Este documento contém o sumário executivo apresentado pela União Cooperativa dos Cafeicultores do Quênia Limitada (KPCU) do relatório final do projeto “Financiamento experimental de curto e médio prazo para pequenos cafeicultores no Quênia” (CFC/ICO/20).
2. Uma cópia da íntegra do relatório pode ser obtida da Secretaria mediante solicitação.

Antecedentes

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste relatório.

**FINANCIAMENTO EXPERIMENTAL DE CURTO E MÉDIO PRAZO
PARA PEQUENOS CAFEICULTORES NO QUÊNIA
(CFC/ ICO/ 020)**

I. RESUMO DO PROJETO

Objetivo e âmbito do projeto:

O objetivo central do projeto era dar maior número de benefícios aos pequenos cafeicultores, pela criação de um esquema apropriado e sustentável de crédito para insumos agrícolas, isto é, promover o acesso dos cafeicultores a crédito para seus insumos. Os componentes do projeto eram os seguintes:

- 1) Estudo de experiência acumulada anteriormente através dos sistemas de crédito para insumos do Quênia.
- 2) Concepção de uma estrutura de empréstimos e sistema de entrega de insumos à luz das necessidades existentes e em vista da experiência anterior.
- 3) Apoio técnico aos cafeicultores na forma de aconselhamento em termos de extensão agrícola em geral, controle de qualidade, secagem e processamento.
- 4) Construção de capacidade em avaliação creditícia e monitoramento de empréstimos nos bancos participantes.
- 5) Provisão de serviços para acompanhar, rastrear e garantir o café ao longo da cadeia de processamento.

Agência de Execução do Projeto:

Escritório de Serviços para Projetos das Nações Unidas (UNOPS)

Localização do projeto:

Quênia

Duração do projeto:

Cinco anos

Estimativa do custo total:

US\$3.044.900

Financiamento pleiteado do FCPB:

US\$1.444.900 (Doação)

US\$1.000.000 (Empréstimo)

Financiamento de contrapartida:

US\$600.000 da KPCU

II. SUMÁRIO EXECUTIVO

A. ANTECEDENTES

Iniciativas anteriores para sistematizar mecanismos de financiamento para os pequenos cafeicultores através de esquemas de crédito em condições vantajosas não conseguiram incentivar os bancos e instituições financeiras a disponibilizar assistência creditícia sustentável aos pequenos cafeicultores. A continuada ausência de apoio creditício pelas instituições resultou no descuido e deterioração dos cafezais e num declínio da produtividade, da qualidade e das receitas do café. A questão mereceu análise abrangente em diversos foros regionais, que recomendaram a prestação de assistência a projetos para desenvolver esquemas estruturados de crédito para insumos através de um enfoque abrangente e consultivo e implementação da base para o alto. A OIC e o FCPB, que também apoiavam este parecer, concordaram em dar assistência a um projeto piloto a ser implementado no Quênia, deixando entendido que o sucesso do projeto deveria ser repetido em outras regiões de cafeicultura.

O projeto piloto

Contra este pano de fundo, a KPCU, que na época era a maior beneficiadora e agente de comercialização de café no Quênia, apresentou a proposta. O FCPB, com o consentimento da OIC, sancionou ajuda financeira para a implementação do projeto piloto no Quênia, na forma de doação para assistência técnica e para a composição do fundo para empréstimos. O desembolso dos empréstimos no âmbito do projeto deveria ter começado em outubro de 2006, mas, por não haver disponibilidade de recursos do FCPB para empréstimos devido a não terem sido cumpridas certas formalidades, o FDC, intervindo, disponibilizou fundos para empréstimos em 2007. O FCPB, porém, financiou o componente técnico.

Objetivo do projeto e resultados previstos

O objetivo do projeto piloto era demonstrar que serviços institucionais de crédito para insumos podem ser disponibilizados aos pequenos cafeicultores em termos comerciais, juntamente com outros serviços não-creditícios, numa base sustentável, para melhorar a produtividade e a qualidade do café nas regiões de cafeicultura. Os resultados previstos do projeto eram os seguintes:

- Um sistema centrado nos cafeicultores e nas safras de disponibilização e liberação aos cafeicultores de um produto de crédito especial para insumos.
- Um pacote de boas práticas de produção e processamento com localização específica e o apoio de serviços de qualidade centrados em insumos agrícolas, treinamento, extensão e supervisão.

- Conscientização e motivação dos participantes e intermediários, treinamento dos cafeicultores e pessoal da implementação, estabelecimento de sistemas e procedimentos abrangentes, customização do sistema de informática, manuais técnicos e recursos de treinamento e extensão.
- Sistema eficiente de organização e gestão, supervisão de campo, monitoramento do crédito, rastreamento do café, pagamentos e reembolso dos empréstimos.

B. O QUE SE CONSEGUIU E APRENDEU

Liberação de empréstimos

Os pequenos cafeicultores respondem por cerca de 60% da produção de café do Quênia e, sem medidas confiáveis que garantam crédito para sua produção, é provável que o setor cafeeiro não consiga sair de um círculo vicioso caracterizado por “*pouco capital, poucos insumos, pouca produção, pouca renda*”. A boa reação dos cafeicultores ao produto de crédito especial e aos resultados positivos obtidos em termos de maior produtividade e qualidade do café realça a importância desse produto e do uso de uma metodologia de empréstimos bem-estruturada, abrangente, participativa e flexível na disponibilização de crédito para insumos aos pequenos cafeicultores.

Os empréstimos do projeto foram desembolsados aos cafeicultores em três fases, de acordo com o calendário cafeeiro. Os empréstimos foram desembolsados de duas maneiras: através do fornecimento de insumos agrícolas como componente em espécie, e através de empréstimos em dinheiro para cobrir os custos de mão-de-obra. As quantidades exatas de fertilizantes e outros insumos de que cada cafeicultor precisava foram computadas com base nos pedidos de empréstimo, por grupos. Quantidades agregadas dos insumos do projeto foram adquiridas a granel, conjuntamente, pelas sociedades, pelos grupos e pela UIP para os pequenos cafeicultores, e pelas SCPCs e GICs para as fazendas. As SCPCs pagaram uma quantia consolidada diretamente aos fornecedores de insumos. A Sociedade então liberou insumos aos pequenos cafeicultores com base em suas necessidades para cada fase, conforme os pedidos de empréstimo, e as somas pertinentes foram levantadas como empréstimos aos cafeicultores, individualmente. Empréstimos em dinheiro para cobrir mão-de-obra também foram liberados a cada cafeicultor e fazenda, em fases.

Um sistema de supervisão participativo e pluriagencial foi a marca registrada do projeto. Aspectos como a utilização do empréstimo, o uso dos insumos, as boas práticas de produção e a movimentação do café foram supervisionados pela UIP, as sociedades, os grupos de cafeicultores, a FPC e as SCPCs, os funcionários de extensão e das cooperativas, etc. O envolvimento de grupos de cafeicultores deu abrangência ao processo de monitoramento, e o monitoramento por outros cafeicultores revelou-se eficiente, transparente e econômico. Os cafeicultores receberam cadernetas com informações abrangentes sobre gestão agrícola, uso de insumos, contratação de mão-de-obra, produção, recebimento de pagamentos, extensão,

treinamento, etc. A supervisão participativa reduziu os custos de supervisão pelas SCPCs. Reuniões de análise foram realizadas pelas SCPCs, com a participação da UIP e do AIP, toda vez que necessário. Vários registros de campo e relatórios de monitoramento também contribuíram para o monitoramento. Os oficiais seniores da AEP e da UIP e o AIP também fizeram visitas locais periódicas.

Produto de crédito especial

Os resultados do projeto piloto provaram que crédito, apenas, não soluciona os problemas da pequena cafeicultura. Características dos produtos de crédito especial e dos mecanismos de liberação no âmbito do projeto resultaram numa mudança do paradigma de financiamento das atividades dos pequenos cafeicultores. Importantes características do produto e da metodologia de empréstimo foram: i) Financiamento de todo o custo da produção com base em práticas agrônômicas cientificamente recomendadas, no uso recomendado dos insumos e da mão-de-obra necessária para diferentes atividades, com base no número de cafeeiros e nas variedades de café; ii) Desembolso do crédito em fases, de acordo com o calendário de operações; iii) Fornecimento tempestivo de insumos de qualidade, isto é, fertilizantes, pesticidas e fungicidas, nas quantidades necessárias; iv) Treinamento e extensão para apoiar os cafeicultores; v) Supervisão rigorosa em propriedades individuais por grupos e pelo pessoal do projeto, para garantir boas práticas de produção; e vi) Rastreamento do café, processamento separado do café do projeto e adoção de boas práticas de processamento, etc. O impacto cumulativo dessas medidas resultou em significativa melhoria da produtividade e qualidade do café, das receitas dos cafeicultores e do desempenho no pagamento dos empréstimos no âmbito do projeto. Um mecanismo de grupo usado para divulgação das contribuições ao treinamento e à extensão e para supervisão de campo foi outra característica distinta que se mostrou muito eficaz. O uso, por cada cafeicultor, de uma caderneta para registro de suas atividades agrícolas também ajudou muito no monitoramento e supervisão do uso dos empréstimos. Assim, as características do crédito especial concedido ampliaram a eficácia e produtividade do crédito agrícola.

Crédito subsidiado versus supervisionado

Todos os esquemas de crédito com financiamento externo anteriores enfatizavam a provisão de crédito subsidiado aos cafeicultores, a juros muito mais baixos que os comerciais. Esses produtos de crédito visavam à segurança e, em consequência, a disponibilidade de crédito aos pequenos cafeicultores era limitada. Eles não recebiam orientação técnica e, sem supervisão eficaz, com frequência usavam mal os recursos obtidos. Lavouras descuidadas, declínio da produtividade e quedas de qualidade resultavam em mau desempenho no pagamento dos empréstimos. O crédito subsidiado distorcia o mercado creditício, e os emprestadores comerciais não adotavam esse modelo de empréstimo em suas operações. Os resultados positivos do projeto piloto demonstraram a viabilidade de um produto de crédito para

financiar a produção agrícola dos pequenos cafeicultores em termos comerciais e com as taxas de juros do mercado. A metodologia de empréstimo com características de crédito especial também demonstram sua viabilidade como negócio para as agências financeiras.

Participação estatal

Um importante fator que contribuiu para o sucesso do projeto piloto foi o empenho do Governo do Quênia em apoiá-lo. Os principais ministérios participantes – Ministério do Desenvolvimento de Cooperativas e Marketing e Ministério da Agricultura – demonstraram um interesse ativo pelo projeto, mantiveram uma estreita coordenação com sua gestão e, o que é mais importante, deram liberdade às agências de implementação do projeto para concebê-lo e implementá-lo de modo profissional, evitando interferências indevidas. Isso deu um caráter inovador e flexibilidade à implementação. Acresce que os ministérios exerceram liderança confiável nas reuniões realizadas a intervalos regulares pelas agências de gestão do projeto, além de resolverem o dilema das fontes de recursos para emprestar aos cafeicultores, pois o FDC, um fundo instituído pelo Governo, foi instruído a fornecer recursos para empréstimos aos cafeicultores, em substituição aos recursos para empréstimo oriundos do FCPB.

Avaliação científica das necessidades de crédito

Uma característica importante do produto de crédito foi a avaliação das necessidades de crédito dos pequenos cafeicultores e fazendeiros, levando em conta insumos recomendados cientificamente e necessidades de mão-de-obra para produção e processamento primário (no caso das fazendas), tanto para as variedades tradicionais como para a Ruiru 11. As necessidades de crédito foram avaliadas em relação a diferentes modelos de cafezais, e o desembolso dos empréstimos foi planejado para três fases, de acordo com o calendário das operações cafeeiras. A inclusão do componente mão-de-obra na quantia do empréstimo foi uma característica adicional. Essa avaliação das necessidades de crédito assegurou a disponibilização, em tempo hábil, de recursos suficientes para permitir que os cafeicultores arcassem com as despesas de produção.

Enfoque de grupo

A parte mais inovadora do produto de crédito foi a adoção de um enfoque de grupo para a liberação e o monitoramento do produto, que trouxe vários benefícios:

- Os grupos serviram como unidades convenientes para o completar os pedidos de empréstimo, o processo de avaliação e sanção e a liberação dos créditos e insumos aos cafeicultores afiliados.
- Os grupos foram eficientes na divulgação econômica, a todos os cafeicultores do projeto, das contribuições ao treinamento e extensão.

- Os membros dos grupos supervisaram importantes atividades nas propriedades de membros, individualmente. O monitoramento por outros cafeicultores tornou a supervisão de campo um processo participativo e econômico. A resposta dos cafeicultores ao monitoramento por seus pares foi positiva, pois uns aprendiam com os outros.
- O enfoque de grupo ajudou a reduzir o custo das transações em todos os níveis da implementação do projeto.
- Os grupos deram transparência às atividades do projeto.
- Os grupos reforçaram a coesão social na área do projeto, além de contribuírem para o monitoramento dos empréstimos.

Treinamento e construção de capacidade

Esforços conscientes foram feitos no âmbito do projeto para construir nos cafeicultores e parceiros do projeto as capacidades corretas. Isso foi importante, em termos de sua conscientização das características inovadoras do produto de crédito e da metodologia de sua liberação. Esforços foram feitos para conseguir mudanças de atitudes entre os cafeicultores e agências em relação ao projeto e ao produto. No treinamento dos cafeicultores procurou-se educá-los quanto à importância do uso de insumo e das práticas agronômicas para melhorar a produção e a qualidade do café. Também se procurou transmitir a eles conhecimentos técnicos sobre práticas vitais de cultivo e orientá-los quanto ao uso apropriado do crédito e à disciplina dos reembolsos.

Controle de qualidade

Com vistas à melhoria da qualidade da produção cafeeira, deu-se ênfase específica à adoção de boas práticas agronômicas pelos cafeicultores e boas práticas de processamento no processamento primário. Especialistas orientaram os membros de grupos e cafeicultores quanto a aspectos como a nutrição da lavoura, o controle de doenças, o manejo das frondes, etc., enquanto o pessoal da UIP e da FPC orientou os administradores e pessoal das usinas quanto a boas práticas de processamento por via úmida. Houve também um esforço contínuo no sentido de conscientizar os cafeicultores sobre a produção de café de qualidade, através de visitas às propriedades, visitas às usinas, demonstrações locais, treinamento, etc.

Software do projeto

Vários módulos de software foram desenvolvidos, para uso em toda a cadeia de valor do café, especificamente para as sociedades, as SCPCs e a KPCU. O objetivo foi garantir eficiência no desembolso dos empréstimos e no monitoramento do projeto. Software foi desenvolvido para lidar com dados úteis para os cafeicultores, tais como número de cafeeiros, uso de insumos, práticas de cultivo, operações de empréstimo, produção cafeeira, entregas de café, qualidade, preços realizados, renda, pagamento de empréstimos, superávits, etc. O módulo

dos empréstimos gerou formulários para pedido/avaliação de empréstimos, acompanhamento da situação dos reembolsos, emissão de holerites, etc. No módulo da Sociedade / das usinas eram registrados detalhes da entrega do café em coco, do processamento e da entrega do café à KPCU.

Mecanismo de rastreamento do café

Confiou-se aos grupos a tarefa de monitorar a entrega do café em cereja produzido pelos cafeicultores do projeto às beneficiadoras designadas. A UIP, assistida pelos grupos, também se encarregou de monitoramento rigoroso, a nível local, para impedir a venda colateral de café pelos cafeicultores do projeto. Nas usinas, o café entregue pelos cafeicultores do projeto era tratado, em cada fase, separadamente do café que provinha de cafeicultores não participantes do projeto. O café do projeto era rotulado “café do projeto” – o restante, rotulado “café que não é do projeto” – e entregue à KPCU em lotes separados. A KPCU também atribuía números próprios ao café do projeto, contra os quais os lucros eram pagos às sociedades, depois dos leilões. O mecanismo de rastreamento quase que completamente eliminou as vendas laterais pelos cafeicultores, disso resultando um aumento significativo do café entregue à usina designada.

Sistema de pagamento do café e reembolso dos empréstimos

Embora o sistema de pagamento e reembolso dos empréstimos tenha funcionado bem no âmbito do projeto (com pagamentos de mais de 90% no primeiro ciclo de empréstimos), o projeto enfrentou um contratempo devido à cessação dos pagamentos relativos ao café às sociedades pela KPCU, após o congelamento de suas contas pelo síndico. Este fator externo dificultou a entrada de fundos para o projeto e afetou o reembolso dos empréstimos por cerca de 18% dos cafeicultores, que ainda não haviam sido pagos na altura da designação do síndico.

Sustentabilidade do projeto

O produto de crédito especial centrado nos cafeicultores e a metodologia dos empréstimos desenvolvida no âmbito do projeto sem sombra de dúvida provaram sua utilidade para todos os participantes. Os cafeicultores auferiram múltiplos benefícios, tais como acesso a crédito suficiente, tempestivo e descomplicado; insumos agrícolas de qualidade; empréstimos em dinheiro para mão-de-obra; orientação técnica; apoio na forma de extensão e treinamento; apoio pelos grupos; maior produção de café de melhor qualidade; melhores rendas; melhor capacidade de reembolso; melhor manutenção das lavouras de café; etc.

No entanto, seria necessário estabelecer uma estrutura apropriada para possibilitar que os parceiros do projeto continuem a trabalhar juntos após sua conclusão. A sustentabilidade do projeto pode ser garantida pela continuação do fortalecimento do mecanismo de grupo e a transferência da propriedade do produto de crédito especial às sociedades, usinas, SCPCs e

grupos, que são os principais beneficiários do projeto. Os gestores dessas entidades já foram conscientizados e seus funcionários treinados acerca das características essenciais da liberação do produto e da gestão do projeto. O produto e a metodologia do projeto também podem ser adotados por beneficiadoras do setor privado e agentes de comercialização, para implementação.

Replicabilidade do projeto

Um objetivo mais amplo do projeto piloto foi desenvolver um produto de crédito especial e uma metodologia de empréstimos para o financiamento das atividades dos pequenos cafeicultores, com a intenção de replicá-los em todas as regiões de cafeicultura. Os resultados do projeto piloto indicaram que o produto de crédito especial e da metodologia de empréstimos era praticamente viável, financeiramente viável e comercialmente sustentável. Os cafeicultores aceitaram o produto, que se mostrou uma possibilidade viável e financiável à sua disposição. Todos os principais participantes institucionais, tais como usinas, sociedades, SCPCs e a KPCU também se beneficiaram, pois o produto e a metodologia do projeto os ajudaram a melhorar seus níveis de negócios, eficiência e capacidade de enfrentar os desafios relacionados com seus negócios.

Capital social

A implementação do projeto piloto criou capital social valioso em todos os níveis. Importante é a existência de uma mudança de paradigma e de atitudes entre os pequenos cafeicultores. A experiência mostrou-lhes que o uso apropriado de insumos e boas práticas agrícolas leva a maior produtividade, melhor qualidade e mais renda. Esta, então, nutre a tomada de empréstimos comerciais para a produção de café. A tendência, entre os pequenos cafeicultores, a negligenciar a lavoura e perder a esperança foi substituída por uma determinação de conseguir sucesso. Eles descobriram que tomar empréstimos para a produção de café era viável. Eles adquiriram uma visão e habilidades práticas para a produção comercial de café. As agências de empréstimos começaram a se dar conta de que o financiamento das atividades dos pequenos cafeicultores usando o produto de crédito especial era um negócio em potencial. A apreensão das instituições de crédito foi sendo substituída por comportamentos centrados nos cafeicultores, à medida que elas constatavam que, com maiores rendas trazidas pela maior produtividade e qualidade de seu café a que os serviços de crédito especial davam ensejo, os cafeicultores tinham condições de pagar os empréstimos tomados.

C. DESAFIOS

Preços internacionais do café

Além da produtividade e da qualidade do café, a renda dele auferida também depende de seu preço no mercado. A maior parte do café produzido no Quênia é exportado. A qualidade do café queniano resulta em preços com prêmio no mercado mundial. Nos últimos anos, porém, o declínio da produção de café no Quênia em geral, e da produção de café de qualidade superior em particular, passou a preocupar. Mais de 80% do café queniano é produzido em pequenas propriedades. No passado, grandes flutuações dos preços do café resultaram numa queda da renda dos cafeicultores, que chegou a forçar alguns dos pequenos a abandonar a cafeicultura em favor de outros cultivos comparativamente mais rentáveis. O Governo do Quênia tomou algumas medidas para aliviar os problemas que os cafeicultores enfrentam, ao introduzir na Lei do Café algumas mudanças no tocante a sua comercialização e à regulamentação das atividades dos intermediários.

A volatilidade dos preços de mercado do café e dos preços obtidos pelos cafeicultores tem sido um fator desfavorável no passado recente. A análise dos preços do café nos 30 anos que vão de 1977 a 2006 revela que as flutuações de preços do café foram muito grandes. O que em geral se observa são quedas, seguidas por altas em períodos subsequentes de 1 a 2 anos, mas também se observa uma queda de preços que se prolongou ao longo dos quatro anos que vão de 1998 a 2001. Nesse período o nível de preços era tão baixo que os cafeicultores mal podiam recuperar os custos de produção através das receitas do café.

Variações nos preços do café em cereja

Nas pesquisas e estudos do projeto piloto, foram coletados dados sobre os preços realizados pelos cafeicultores durante o triênio de 2002/03, 2003/04 & 2004/05 nas 16 usinas distribuídas pelas três diferentes zonas do distrito de Kirinyaga onde se encontram as três sociedades cooperativas de agricultores. O quadro abaixo contém um resumo da situação dos preços coletados.

Preços do café realizados em Kirinyaga

Nome da usina	Preço médio realizado em in Ksh / kg de café em cereja			Variação percentual dos preços
	2002/03	2003/04	2004/05	
Baragwi Farmers Coop Society	11,09	16,08	20,72	86,8%
Mirichi Farmers Coop Society	5,75	14,68	16,95	194,8%
Karithathi Farmers Coop Society	20,80	21,88	29,73	42,9%
Preço médio nas três SCAs	12,55	17,54	22,47	79,1%

Os dados mostram que a variação dos preços médios do café realizados entre 2002/03 e 2004/05 chegou a alcançar 79,1%. Também houve notícia de que, durante 2002/03, os preços do café obtidos pelos cafeicultores em algumas beneficiadoras chegou a ser inferior aos custos de produção.

E. RECOMENDAÇÕES

Mitigação dos riscos de preços

Além da produtividade e da qualidade, a receita que no final os cafeicultores auferem é determinada pelos preços do café no mercado. Como o café é um produto que se negocia no mundo todo, seus preços são influenciados pelas cotações no mercado internacional. Com vistas a isolar os cafeicultores do país da volatilidade dos preços e minimizar seus riscos, é necessário estabelecer mecanismos críveis de mitigação dos riscos de preços, tais como garantias de preços mínimos, seguros de preços, reservas para flutuações de preços, contratos de futuros, garantias de reembolso de empréstimos, etc. Esses mecanismos dariam confiança aos cafeicultores ao decidirem sobre tomar ou não empréstimos e, também, dariam segurança aos emprestadores. Sugere-se, portanto, que em vários países africanos produtores de café, sejam exaustivamente estudados diversos aspectos não só dos mecanismos de mitigação dos riscos de preços como também medidas já iniciadas em outras economias em desenvolvimento. Com vistas à ação mais apropriada quanto a esta iniciativa, talvez a OIC e o FCPB precisem contratar os serviços de um consultor experiente.

Manutenção das atividades do projeto

É importante que, mesmo depois do término do projeto piloto, as SCPCs participantes continuem a apoiar os pequenos cafeicultores e os fazendeiros participantes no que diga respeito ao produto de crédito especial estabelecido pelo projeto. Isso possibilitaria aos cafeicultores usar os insumos recomendados e as práticas agrícolas e manter a alta produtividade e qualidade do café. A interação com a SCPC de Kirinyaga relevou que ela já adotou o produto de crédito especial para apoio a cafeicultores fora da área do projeto, com a ajuda de outra linha de crédito do FDC.

Repetição no Quênia

Embora o projeto piloto tenha sido benéfico e aceito pelos cafeicultores, fazendas, sociedades e SCPCs, seu potencial só poderá ser realizado inteiramente quando a metodologia do projeto for ajustada e extensamente repetida pelas SCPCs e outras agências financiadoras fora da área do projeto, para que os benefícios possam alcançar um grande número de cafeicultores.

Repetição fora do Quênia

Na maioria dos países produtores de café da África, os pequenos cafeicultores e as pequenas propriedades enfrentam limitações análogas no que se refere a acesso a crédito institucional suficiente e tempestivo para a cafeicultura. A produção e a qualidade do café no setor da pequena cafeicultura, portanto, está sofrendo nesses países. O produto de crédito especial testado com sucesso no Quênia pode, portanto, ser repetido em outros países africanos para fortalecer a cafeicultura e as receitas nas pequenas propriedades de café.

Adoção do enfoque de crédito especial em outros produtos básicos

Independentemente da commodity que eles produzam, na maior parte dos países os pequenos agricultores enfrentam dificuldades quando procuram acessar crédito institucional para financiar sua produção, devido à indisponibilidade de produtos de crédito apropriados e de serviços de crédito especial e à idéia de risco, pelos emprestadores. A filosofia do produto de crédito especial para financiar os pequenos cafeicultores no âmbito do projeto pode ser modificada e estendida aos pequenos cultivadores de outros produtos.

LISTA DOS ACRÔNIMOS USADOS NESTE DOCUMENTO

AEP	Agência de Execução do Projeto
AIP	Assessor da Implementação do Projeto
FCPB	Fundo Comum para os Produtos Básicos
FDC	Fundo de Desenvolvimento do Café
FPC	Fundação da Pesquisa Cafeeira
GIC	Grupo de Interesses Comuns
KPCU	União Cooperativa dos Cafeicultores do Quênia Limitada
OIC	Organização Internacional do Café
SCA	Sociedade Cooperativa dos Agricultores
SCPC	Sociedade Cooperativa de Poupança e Crédito
UIP	Unidade de Implementação do Projeto